



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Um tipo minhoto popular

(Continuação da pág. 131)

Subitamente um ângulo da conversa fez-me descobrir a fonte áurea da ciência do cirurgião. Possuía êle vários livros onde estudava os casos mais bicudos, mas infelizmente, quando morreu, o sr. Gonçalves (rico proprietário de Caldelas) mandou-os buscar todos a Pitães, como caução da dívida de 310 mil réis que a sra. Ana Luísa lhe pedira em tempos emprestado e ainda lhe devia...

E aqui o sr. Sebastião proferiu algumas imprecações contra a mulher, pela leveza de ânimo com que se desfez de um tal tesouro... a que a Ana Luísa respondeu à letra, considerando que desde que lhe devia dinheiro, tinha obrigação de lhe ir pagando. Quem deve, paga... terminou ela com arrogância; mas o marido não se deu por conformado, opinando que com dinheiro se devia pagar uma dívida de dinheiro e não com livros. E êste foi o primeiro incidente demonstrativo das divergências destas duas almas primitivas e rudes que viviam sob o mesmo tecto...

Mas os livros, onde encontrá-los? Ficou-me uma infinita curiosidade de vê-los, mas, informaram-me, o sr. Gonçalves morreu... Onde estariam os livros? E a conversa decorreu interessante, animada de por menores, vestida de frases que a minha memória não sabe reproduzir, e tinham um sabor à terra, às pedras, às águas, às fôrças da Natureza, falas cheias de graça enleadas como as vides aos salgueiros e carvalhos, frases nodosas ou lisas, mas simples e expressivas.

E ainda lá estaria a esta hora, se não fôra o novo rumo que a conversa tomou e nos levou para as questões que dividiam o casal e deram ali mesmo origem a

uma scena indescritível de insultos mútuos, apenas abrandados na sua fúria, à superfície, pelo respeito da minha presença, que os continha e segurava.

Sim, as propriedades não são apenas da sra. Ana Luísa — mas dêle também. — *«Quem plantou as pereiras, as macieiras, a cerdeira, as figueiras e as oliveiras e as vides? Êle, o sr. Sebastião! O tanque, a latada, os socalcos — tudo obra sua!»*

«Mentes, vociferava a mulher, foi o meu tio, que Deus tem! Êle é que me deixou tudo como está — tu nada fizeste! Tu és um madraço, um malandro — só gostas de ir para a taberna! Está aqui êste maroto só para me malhar no corpo! que o tenho coberto de negras! Ainda esta noite me pôs fora de casa e tive de dormir na estrada! Maroto! Patife!»

Os dentes do sr. Sebastião rangiam! voltado para ela, os olhos rolando como monstros cheios de maldade, sob a testa curta, cara de pirata, fitou a mulher com rancor e arriscou: — *«Com quatro bananas nas ventas, passa-te isso tudo num repente!...»* E a mulher, a esta ameaça, volta-lhe as costas e afasta-se lentamente do grupo, magra, hirta, sumida, mas repontando, respondendo com frases curtas, incisivas e irónicas, às falas do sr. Sebastião, que continuava afirmando o que a mulher negava... Quadro soberbo para um palco! Ora imaginem: — o cenário em volta é um panorama idílico...

A sra. Ana Luísa, como personagem de um drama rústico, Sarah Bernhardt miserável e raquítica, caminha altiva, a passos lentos de majestade, em ar de procissão, ronronando e cuspidando injúrias, o rôsto a $\frac{3}{4}$... e segue, contorna a casa, ocultando-se um momento para reaparecer logo, a estilhaçar a tragédia, encarrapitada na cerejeira, enquanto o sr. Sebastião me conta, muito em sêgrêdo, uma scena que presenciou há tempos antes de ir para a França, donde voltou há pouco, doente, e o leva a odiar de morte um homem... Eis o espantoso caso: — o Sebastião descia da bouça fronteira, no alto da encosta, encoberta pelo arvoredor, quando ouviu vozes; um homem de bicicleta, falava com a Ana Luísa, a «atolada» como êle lhe chama, e dizia-lhe: — *O teu homem está fora — foi à feira — anda daí, vamos ao trabalhinho...* E a Ana

Luísa respondeu: — *¿Que trabalhinho, homem, se estou com o «estâmega» vazio?!...* Pela cabeça do Sebastião passou um suor frio... Mais algumas palavras e a cousa ficou por aqui... mas, não resta dúvida, a traição esteve por um cabelo. Separaram-se os dous criminosos... O Sebastião desceu da bouça que o sacho transpôs primeiro em vôo... cravando-se na porta... mas a Ana Luísa já estava em terra firme. Ah! que se o apanha um dia, ao homem da bicicleta! que lição lhe vai dar e, depois de dar cabo dêle, há-de vir para casa e moer com pancada a Ana Luísa... Mas quero apanhá-lo sozinho num êrmo, sem testemunhas!...

Depois, o Sebastião procurou convencer-me de que são dêle metade dos bens do casal, que já perguntou ao sr. Sá Carneiro, advogado...

E pus-me a caminho de Caldelas... estrada adiante.

*

Logo adiante, ainda no mesmo lugar de Pitães, vive o sr. Abel de Passos, lavrador, vizinho do cirurgião, que muito bem o conheceu. Homem dos seus 50 anos, o sr. Abel confirmou os factos miríficos que se passaram com o seu amigo Joaquim de Araújo. Contou-me êle, entre outros, o assombroso caso que se passou com sua mulher. Tinha ela uma «infalamação» num ôlho. Já tinha andado por vários doutores sem nenhum resultado. Foi com ela a Braga, onde o médico X lhe receitou quaisquer drogas e lhe disse que, se não curasse com elas, tinha de fazer uma operação no Pôrto. Veio êle para casa com as drogas, mas nada. O ôlho — pior. *«Era a modos de um grão de centeio a fugir p'ra a bugalhinha da menina. Metia medo.»* As drogas — nada! Foi então que chamou o «serurjão». Êste foi de má vontade, por êle lhe bater à porta só depois de chamar os doutores... mas sempre foi. *«Receitou-lhe um chá de folheira de laranja e um purgante... Pois, meu senhor, no dia seguinte, estava boa!»*

«Tu julgavas que os santos ao pé da porta não faziam milagres, mas enganaste-te...» — disse-lhe depois o «serurjão»...

«E era verdade; acertava, mesmo quando estava

tocado da pinga... Que êle gostava muito da sua pinguinha!

«Tinha mais sorte que os doutores. O doutor de Vila-Verde meteu-o num processo, porque lhe roubava a freguesia toda; mas depois houve empenhos e não chegou a ser preso.» Depois falou-me da sobrinha e do Sebastião, esclarecendo-me àcerca do gênio do marido, da pancadaria de criar bicho que dá na desgraçada da mulher. *«Casou com ela por causa dos torrões. E' um doido. Não quer trabalhar. De vez em quando pega num saco e vai por aí fora a pedir esmola, por causa de uma junta de bois fictícia que lhe morreu, diz êle; inventa ora umas cousas ora outras, para que lhe vão pingando... Esteve na França ultimamente uns meses, mas lá tinha de trabalhar, a carregar cascalho em vagões; mas logo se fez doente e veio embora... Quer que a mulher trabalhe e êle só se sente bem sem fazer nada, o mariola!»*

Mas, voltando ao cirurgião... O sr. Joaquim da Silva Araújo só receitava ervagens em chás e purgantes, cousas que custavam pouco, e nisso levava vantagem aos doutores, que só receitavam cousas caras! Por isso o cirurgião era muito procurado, viveu vida regalada, nada lhe faltou nunca... na opinião douda do sr. Abel.

IV — Silhueta do «cirurgião»

Quem o conheceu muito bem ainda, foi o sr. padre João de Freitas, digníssimo pároco de Caldelas, a cuja distinção e amabilidade devo os interessantes *croquis* que incluo neste artigo e algumas indicações que me permitiram reconstituir a silhueta dêste curioso e ridículo personagem minhoto.

Magro, esquelético mesmo, de altura regular, tinha o rosto afilado, o nariz adelgado, e a melena crescida tombava-lhe sobre as orelhas e a testa. Vestindo as roupas largas ou curtas que lhe davam, tão facilmente usava um côco no verão como aparecia de rabona e chapéu de palha no inverno. Montado numa pileca, invariavelmente lazarenta e magricela da fome que passava, dava nas vistas como personagem de um



O «cirurgião» a cavalo e a sua casa

grotesco fantástico, ainda exagerado pelas oscilações laterais que dava ao corpo, mesmo a cavalo. No *croquis* junto vê-se êle a cavalo na sua «cuca» que, andando prenhe, verga ao pêso da quixotesca figura. O cirurgião sorve uma pitada de rapé, cuja caixa vai no bolso superior. Não se esquece nunca da sua garrafinha de aguardente, que assoma da bolsa dos ferros, vendo-se o lenço tabaqueiro também espreitar do bolso inferior do casaco.

Nesta reconstituição interessante aparece também, esboçada a traços rápidos, a habitação do cirurgião.

Empertigado, hirtto, altivo Senhor da sua Ciência e do seu nariz — apesar das nódoas que lhe esmaltavam as vestes sórdidas — caminhava, quando a pé, gingando o corpo e balançando os braços, e falava com ares superiores, engulindo a saliva, em jeito de peru, empregando uma linguagem difícil e obscura, não ligando bem cousa com cousa... Não estava nunca quieto nem calado.

Um dia, em Pico de Regalados, chegou à porta da botica, meteu dentro a cabeça da bêsta e pediu muito senhor de si:

«Um quilo de Bico, Bernardo e Sola!»

Estava dentro o Dr. Aguiar lendo um livro. O farmacêutico, sr. Leal, administrador de Vila-Verde, estava fora, e o ajudante ficou atrapalhado sem saber o que êle pretendia; mas o Dr. Aguiar esclareceu-o: — tratava-se de bicarbonato de sódio!

Outro médico, o Dr. Costa, de Ancede, um dia, na Tôrre, em casa de uma mulher doente, que fôra visitar, viu alguns frasquinhos com medicamentos. Admirado, perguntou quem receitara aqueles medicamentos. Responderam-lhe que fôra o «cirurgião» de Sequeiros... *«E a que distância fica?»* perguntou o Dr. Costa. *«Meia hora daqui»* — disseram. *«Pois que vão chamá-lo! Não lhe faço mal nenhum — informou irônicamente — só quero conferenciar com o colega»*. E esperou uma boa hora, sorvendo pequenos goles de aguardente de um vidrinho — que trazia sempre no bolso. O Dr. Costa gostava da pinga também. O cirurgião veio logo e o Doutor, uma vez em frente dêle, disse-lhe apenas: *«Mandei-o chamar para me dar um clister na égua!...»*

Não sabemos a cara com que ficou o cirurgião, nem a resposta que deu...

*

Utilizava ferros ferrugentíssimos para arrancar os dentes aos fregueses. Duma vez porém enganou-se no dente. O desgraçado do cliente estorcia-se com dores... Não faz mal. Arranca-se outro. Dito e feito. Aplica de novo os ferros e... zás! Segundo dente fora. A bôca do paciente sangrava abundantemente. Não importa, disse o cirurgião, deixa correr que só faz bem. Passava-se a scena no caminho público e aconteceu aparecer alguém com melões e sardinhas. Remédio santo: — agarra num melão, corta uma talhada e dá-a ao cliente, manda assar uma sardinha e dá-lha também. Come! e o homem comeu e a sangria estancou!

*

Doutra vez foi chamado à freguesia da Balança por um homem aflito com o «tarugo» de um ôsso atravancado na garganta. Aplica-lhe os ferros — arranca o ôsso e... exige seis libras; mas como lhas recusam, pega de novo nos ferros, cravados ainda no «tarugo», e dispõe-se, teatral e brutalmente, a devolver o ôsso à garganta do homem! Grande celeuma e por fim entram em acôrdo, ficando por três libras o serviço!

*

Ao sr. Afonsinho, de Caldelas, que ainda vive e tem pedra-de-armas, curou êle uma constipação que lhe tomou a garganta, que mal podia respirar, enchendo-lhe o pescoço de sanguessugas!

*

Todos os anos levava uma promessa à Senhora da Peneda; mas um ano houve em que a sua viagem, a cavalo na inevitável bêsta, foi cortada de vários incidentes, entre os quais um incêndio, que ateou involuntariamente com um lume que acendeu para se aquecer numa quinta onde pernoitou. Juntou-se muita gente com foices roçadouras e varapaus para o liquidarem. Valeu-lhe dar às pernas e juntar-se a vários romeiros que seguiam adiante o mesmo rumo... e o protegeram declarando-o do rancho quando o grupo agressor apareceu...

E muitas cousas mais, de pasmar as gentes, seria possível saber, falando com mais alguém, com as quais se poderia fazer a história completa do «cirurgião», se não fôra a curta demora que tive e a precipitação com que realizei esta digressão alegre através do Minho.

(Continua).

ADRIANO RODRIGUES.